

Introdução

João 8:5-7 E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? Isto diziam eles tentando-o, para terem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra.

Embora muitos estudiosos questionem se o famoso relato da mulher acusada de adultério deveria realmente fazer parte do evangelho de João, a frase tornou-se parte da cultura popular, do mesmo modo que outra também parecida: **Mateus 7:1 Não julgueis, para que não sejais julgados.**

Como o título deixa claro, este estudo fala sobre pecado — não sobre os pecados óbvios da sociedade, mas sobre os pecados sutis dos cristãos.

Assim, gostaria de afirmar logo de cara que não estou livre dos pecados aqui mencionados. Na verdade, poderão observar que, algumas vezes, cito minhas tristes experiências para exemplificar esses pecados.

Este livro é resultado da convicção crescente de que as pessoas entre nós, a quem chamamos de evangélicos, ficaram tão preocupadas com alguns pecados graves da sociedade que deixaram de lado a necessidade de lidar com nossos pecados menos óbvios. Embora o propósito aqui seja tratar desses pecados “intocáveis”, também desejo que este seja um estudo de esperança.

Não devemos jamais perder a esperança diante da constatação de nossos pecados. Pelo contrário, devemos crer no evangelho por meio do qual Deus lida com a culpa do pecado e com o domínio deste sobre nós.

O evangelho, contudo, é somente para os pecadores, para aqueles que reconhecem que precisam dele. Muitos cristãos acham que o evangelho é só para os não crentes. Achamos que, uma vez que confiamos em Cristo, o evangelho é dispensável.

No entanto, como tentarei demonstrar, o evangelho é uma dádiva essencial de Deus, não somente para nos trazer salvação, mas também para nos ensinar a lidar com a atividade constante do pecado em nossas vidas.

Desse modo, precisamos sim do evangelho diariamente.

De forma alguma, este estudo consegue tratar de muitos dos possíveis pecados sutis com os quais temos de lidar.

Santos comuns

A igreja de Corinto era um exemplo típico de grande bagunça moral e teológica.

Os crentes eram orgulhosos e rebeldes; toleravam a indecência, processavam uns aos outros, vangloriavam-se da liberdade em Cristo, exageravam na ceia do Senhor e estavam equivocados quanto aos dons espirituais e confusos sobre a ressurreição dos salvos. Contudo, ao escrever-lhes, Paulo chama essa turma de “santos” (2Co 1.1) ou de “chamados para serem santos” (1 Co 1.2).

Devido ao uso corrente, é normal o significado das palavras mudar com o tempo. Hoje não chamaríamos aqueles atrapalhados de Corinto de santos; talvez pudéssemos chamar de mundanos, carnis ou imaturos, porém nunca de santos. Na tradição católica romana, santidade é conferência póstuma aos cristãos de caráter e realizações excepcionalmente notáveis. Um exemplo foi a morte do papa João Paulo II, e o desejo popular de canonizá-lo que tomou conta do mundo.

Parece que, no decorrer da história da Igreja, quase todos os apóstolos originais, incluindo Paulo, receberam o título de santo.

Igrejas católicas, principalmente, levam seus nomes: Igreja São Judas Tadeu, Igreja São João Batista. Até Matias, escolhido para o lugar de Judas, tem igreja em sua honra. E é claro que acima de todas se destaca a Basílica de São Pedro, no Vaticano.

Hoje, fora da Igreja Católica Romana e das tradições ortodoxas, o termo santo é raramente usado. Em geral, nos casos em que ainda é usado, descreve uma pessoa (quase sempre idosa) de caráter particularmente virtuoso.

Um neto talvez diga: “Se existe alguém santo neste mundo, é minha avó”.

Ao ouvir a frase, imediatamente imaginamos uma senhora gentil e carinhosa que lê a Bíblia e ora diariamente, e é conhecida por ajudar o próximo.

Então, como é que o apóstolo Paulo pode chamar os desnorreados crentes de Corinto de santos? Na verdade, essa parece ser a forma de tratamento favorita de Paulo. Ele a usa em várias de suas cartas e vive chamando os cristãos de santos (veja, por exemplo, Rm 1.7; 16.15; 1 Co 1.2; 2Co 1.1; Ef 1.1; Fp 1.1; 4.21,22; Cl 1.2). Como é que Paulo pode se referir a cristãos comuns, até mesmo aos desordeiros de Corinto, como santos? A resposta encontra-se no significado da palavra, do modo como é usada na Bíblia.

O termo grego que traduz santo refere-se não ao caráter da pessoa, mas ao estado de ser. O significado literal é “separado para Deus”. Nesse sentido, cada cristão — até mesmo o mais simples e imaturo — é santo. Na realidade, em 1 Coríntios Paulo se dirige “aos santificados em Cristo Jesus, chamados para serem santos” (1.2).

Talvez nos surpreendamos com o uso que Paulo faz aqui do termo santificados, que geralmente associamos com o viver santo. Todavia, as palavras santificado e santo têm a mesma raiz no grego. O santo simplesmente é alguém santificado. Embora soe

estranho, poderíamos reescrever a saudação de Paulo literalmente como “aos separados em Cristo Jesus, chamados para serem separados.”

Separados para quê? Seria melhor perguntar: “Separados para quem?”

A resposta é: “para Deus”. Todo cristão verdadeiro foi separado ou reservado por Deus para Deus. Em outra carta, Paulo descreve nosso Senhor Jesus Cristo como aquele que se entregou por nós para nos redimir de toda maldade e purificar para si um povo todo seu, dedicado às boas obras (Tt 2.14). Em 1 Coríntios 6.19,20, Paulo afirma que não somos de nós mesmos, pois fomos comprados por preço. Juntos, esses dois versículos nos ajudam a entender o significado bíblico de santo.

Santo é alguém que Cristo comprou com seu sangue na cruz e separou para si mesmo como sua propriedade.

O que significa ser separado ou reservado? Ao observarmos a Academia da Força Aérea, podemos sugerir uma ótima analogia. O tratamento dado aos cadetes iniciantes é bem diferente do que é dado aos alunos do primeiro ano das faculdades e universidades em geral. A partir do momento em que pisam na Academia, e durante todo o primeiro ano, os alunos ficam sujeitos a uma disciplina rigorosa, cujo objetivo é transformar adolescentes tranquilões em cadetes bem disciplinados que se preparam para a carreira de oficial militar. Embora a disciplina seja afrouxada progressivamente enquanto os cadetes atravessam os quatro anos de preparo, nunca é removida por completo. Mesmo no último ano, os cadetes continuam sujeitos às demandas acadêmicas e às exigências de comportamentos.

Por que há diferença entre uma academia militar e uma universidade comum?

No primeiro caso, os rapazes e as moças foram, num sentido real, “separados” pelo Governo para se tornarem oficiais da Força Aérea. O Estado gasta muito dinheiro para educar e treinar os cadetes durante quatro anos.

Assim, esses jovens não são preparados para serem professores da rede pública nem consultores financeiros do país. A Academia tem um propósito: preparar oficiais para a Força Aérea. E os cadetes são “separados” para esse propósito.

De modo bastante parecido, cada novo cristão foi separado por Deus e para Deus a fim de ser transformado à imagem de seu Filho, Jesus Cristo. Nesse sentido, todo cristão é santo — uma pessoa que foi separada de um modo errado de viver e reservada para Deus, a fim de glorificá-lo cada vez mais à medida que sua vida é transformada.

No sentido bíblico do termo, santidade não tem a ver com realizações nem com perfeição de caráter, mas com o estado de ser — uma condição inteiramente nova de viver gerada pelo Espírito de Deus.

Paulo descreve isso como sair “das trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus” (At 26.18) e como ter sido liberto “do domínio das trevas” e transportado “para o reino do seu Filho amado” (Cl 1.13).

Nosso comportamento não nos torna santos.

Somos feitos santos unicamente pela ação sobrenatural imediata do Espírito Santo que realiza essa mudança profunda em nosso íntimo para que, de fato, nos tornemos novas criaturas em Cristo (2 Co 5.17). Essa mudança de estado é descrita profeticamente em Ezequiel 36.26: “Também vos darei um coração novo e porei um espírito novo dentro de vós; tirarei de vós o coração de pedra [coração morto, indiferente] e vos darei um coração de carne [coração vivo, receptivo]”.

Seria bom que a história terminasse aqui, porque os dois últimos parágrafos talvez sugeriram que santo é alguém que não peca mais. Infelizmente todo mundo sabe que não é bem assim. Pelo contrário, se formos bastante honestos, confessaremos que pecamos o tempo inteiro em pensamentos, palavras e ações. Até mesmo nossas melhores atitudes são manchadas por motivos impuros (misturados) e por uma vivência imperfeita. E quem de nós se atreveria a dizer: “Amo o próximo como a mim mesmo”? A igreja tumultuada de Corinto é a maior evidência de que nós, os santos, pecamos demais em nossas atitudes e ações.

Por que isso é verdade? Qual o motivo da desconexão entre o que Deus aparentemente prometeu e o que experimentamos em nosso viver diário? Encontramos a resposta em versículos como Gálatas 5.17: “Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne. Eles se opõem um ao outro, de modo que não conseguis fazer o que quereis”. A guerra entre a carne e o Espírito, descrita em Gálatas 5.17, acontece diariamente no íntimo de cada cristão. E por esse motivo que Pedro, por exemplo, nos incentiva à abstenção “dos desejos carnis, que combatem contra a alma” (1 Pe 2.11). Então, apesar de 2 Coríntios 5.17 e Ezequiel 36.26 falarem sobre a mudança definitiva que sempre ocorre no íntimo de cada novo convertido, o resultado visível dessa mudança não é instantâneo e absoluto; é progressivo e contínuo nesta vida.

No entanto, a consciência dessa luta interna contra o pecado não deverá jamais ser usada como desculpa para atitudes erradas. Pelo contrário, devemos ter sempre em mente que somos santos chamados a viver separados para Deus.

Paulo, então, inicia sua primeira carta aos coríntios chamando-os de “santificados [separados por Deus] em Cristo Jesus, chamados para serem santos [separados]”. No restante da carta, exorta-os vigorosamente a se comportarem como santos. Em um sentido, a carta de Paulo poderia ser resumida assim: “Vocês são santos. Então se comportem como santos!” Algumas vezes essa ideia é expressa de modo mais sucinto: “Seja o que você é”. Em outras palavras, aja de acordo com a sua natureza.

Embora o termo santo basicamente descreva nossa nova fase como pessoas separadas para Deus, ele traz em si a ideia da responsabilidade de vivermos como santos no dia a dia.

Conta um homem, que quando foi oficial da Marinha, a expressão “conduta imprópria a um oficial” lhe era bem familiar. A expressão abrangia desde ofensas menores, punidas com uma repreensão, até coisas sérias que exigiam corte marcial.

Contudo, a frase descrevia mais do que um comportamento anormal; mostrava que o comportamento foi inconsistente com o que era de se esperar de um oficial militar.

O oficial em questão havia falhado em seu compromisso de agir como deveria.

Como cristãos, seria bom adotarmos uma expressão parecida: “conduta imprópria a um santo”. Isso nos refrearia na hora de agirmos de forma errada, não é mesmo?

Ao fofocar ou ficar impaciente ou com raiva, iríamos nos lembrar de que essa conduta é inapropriada a um santo. Temos, em princípio, se não em grau, agido igual aos coríntios. Temos vivido de modo inconsistente com o nosso chamado.

A Bíblia tem uma palavra específica para a conduta imprópria de um santo: pecado. Assim como a “conduta imprópria de um oficial” abrange uma variedade de comportamentos inadequados, a palavra pecado abrange uma variedade de maus comportamentos. Envolve de fofoca a adultério, de impaciência a assassinato.

Claro que o pecado tem graus de seriedade, mas em última análise, pecado é pecado, e é uma conduta inapropriada a santos.

No entanto, um de nossos problemas é que não nos vemos como santos — com a responsabilidade de vivermos como santos, conforme nossa nova condição — e também não achamos que práticas como fofoca e impaciência sejam pecados.

Pecado é o que os não salvos fazem. Não vacilamos em qualificar de pecado a conduta imoral e antiética da sociedade como um todo.

No entanto, não pensamos da mesma forma quanto ao que eu chamo de “pecados aceitáveis pelos santos”. Na verdade, nós, como a sociedade em geral, vivemos em estado de negação de nosso pecado. Tratemos agora do pecado e de nossa insistência em negar que ele existe em nosso viver.